



# Mini Vs. Midi— A Batalha das Saias

Condensado de NEWSWEEK

*Paris e Roma decretaram saias mais compridas, mas as mulheres estão em dúvida: Terá chegado a hora da midi... ou será um fiasco da moda?*

**M**AIS UMA VEZ as linhas da moda estão claramente traçadas. O Presidente da França, Georges Pompidou, declarou que a linha midi "dá mistério ao amor". Paul Newman, por outro lado, fala em nome de uma esmagadora maioria masculina quando diz com raiva: "É uma vergonha que os figurinistas conseguissem dar um golpe dêsses." Jackie Onassis, a Duquesa de Windsor e Gloria Vanderbilt Cooper adotaram a linha midi, mas a Sr.<sup>a</sup> Robert Finch, mulher do Ministro da Saúde, Educação e As-

sistência dos Estados Unidos, fala em nome de uma classe igualmente chique, e diz: "Parece um negócio que fiz no admissão do curso de costura."

Nos círculos abaixo da nata a opinião feminina predominante parece ser bem resumida por uma senhorita bonita de minissaia. "A midi", diz ela com escárnio, "será o fiasco da moda dêste ano." Em oposição a isto, uma dona de casa conservadora aprova a linha longa porque "a minissaia é um sinal da decadência moral dos nossos dias".

Aquêles que procuram um con-

senso na própria indústria de modas descubrem uma frente desunida. Em Paris, a quem cabe tradicionalmente a última palavra, a escala do desacôrdo vai da altura da coxa até justo acima da ponta do sapato. Saint Laurent, Marc Bohan e Givenchy exibiram os comprimentos mais longos em suas coleções de primavera. Courrèges e Chanel, entretanto, preferiram modelos mais curtos. “A midi é um disfarce”, diz a lendária Coco Chanel com desprezo, “e na nossa época as mulheres não têm o direito de andar por aí disfarçadas.” Os árbitros da moda nos Estados Unidos fazem eco da confusão. Muitas casas jovens super-hip pretendem adotar a midi plenamente, enquanto que alguns dos figurinistas mais velhos—que viveram na década dos 30—consideram o comprimento pelo meio da canela retrógrado. “As midis podem ficar muito bem para *garden parties*”, diz a figurinista Pauline Trigere, de 57 anos, “mas há anos não vou a uma festa dessas.”

O resumo de tudo isto, naturalmente, é que a indústria de modas está atualmente empenhada numa daquelas reviravoltas cíclicas que lhe permitem continuar faturando. Essas alterações de vulto tendem a ocorrer cada cinco ou seis anos—mas nunca, desde a última guerra, estêve a indústria internacional de roupas tão necessitada disso como agora. Nos Estados Unidos, o custo crescente da mão-de-obra e do material, aliado ao apêrto de dinhei-

ro, levou a segunda maior indústria de consumo do país à pior situação em dezenas de anos. Vários fabricantes importantes estão ameaçados de extinção e alguns já fecharam as portas.

Teòricamente, pelo menos, a midi poderia parecer o estímulo perfeito. Como estão descobrindo milhões de mulheres, nem mesmo a mais habilidosa das costureiras consegue fazer de uma mini uma midi; é preciso um guarda-roupa todo nôvo. Mas até agora a moda tem agido como fator de depressão financeira sôbre o mercado de modas americano. Seja por desaprovação, confusão ou um orçamento minguado devido à inflação, a freguesa média está adotando uma atitude de esperar para ver em que dá . . . e abstém-se de ir às lojas de modas.

Para começar, além da despesa extra, a linha longa exige medidas de manequim. Com menos de 1,65 m, uma mulher de midi parece um anão de sobretudo. As mais rechonchudas parecem um picolé com dois palitos. Quem usa midi tem até de aprender a andar de outra maneira; os passinhos curtos da gueixa japonesa podem bem passar a ser a moda. Estas ponderações materialistas suscitam um problema básico: terá chegado a hora da midi, ou será um fiasco da moda?

Uma pesquisa recente, feita pelo vespertino *Chicago Today* entre 14.770 pessoas, revelou uma oposição quase universal à midi entre os homens e também de um espantoso

número entre as mulheres: a reação antimidi foi de quatro a um entre as mulheres e 10 a um entre os homens. Segundo a cronista de modas Marilyn Stitz, as pró-midi ou eram adolescentes loucas por gastar o dinheiro do papai em uma moda nova, ou mulheres velhas que nunca se sentiram à vontade em vestidos acima dos joelhos... ou moralistas. “É incrível o número de pessoas que acham que a taxa de estupros cairia se as saias fôssem mais compridas”, diz a Sr.<sup>ta</sup> Stitz.

Entretanto, as fôrças que atuam no *Women's Wear Daily*, a alegre bíblia do jôgo da moda nos E.U.A., estão convencidas de que a questão está praticamente resolvida. Diz James Brady, redator daquela publicação: “Há poucas americanas que têm a coragem de dizer o que querem usar e de pôr em prática o que dizem. Paris e Roma decretaram as saias mais compridas... e nós seguimos a moda.”

Na opinião do historiador social James Laver, a moda nunca é assim tão arbitrária. “Ela tem suas raízes no inconsciente coletivo”, diz êle. “No corte de um vestido refletem-se as esperanças e os receios de tôda uma sociedade.”

Isso pode ser um exagêro, mas está provado que a variação no comprimento dos vestidos das mulheres coincide geralmente com as oscilações do barômetro cultural. Até à Primeira Guerra Mundial as roupas das mulheres, como a própria sociedade, pouco mudaram; o tornozelo

feminino permanecia tapado. Segundo William L. O'Neill, professor de História e autor de um grosso livro sôbre o feminismo, o ponto crítico da moda moderna foi o momento em que a melindrosa de 1920 substituiu seu colête de barbatanas por calcinhas. “Aquilo foi uma tremenda emancipação física”, diz O'Neill sôbriamente. “Nada na moda foi tão revolucionário desde então.”

O espartilho nunca chegou a voltar, pròpriamente, mas o vestido curto da melindrosa desapareceu com a década de 20. Em 1930 as bainhas estavam a uns 28 centímetros do chão—reflexo óbvio do triste tipo de vida dos anos de crise.

As pressões sociológicas cederam às prioridades militares durante os anos da guerra, quando as saias subiram. O fator preponderante foi uma regulamentação que restringia a quantidade de fazenda a ser usada nos vestidos. Com o fim da guerra, porém, o regulamento morreu, e em 1947 Christian Dior apresentou o seu New Look: saias largas e mais compridas, cinturas de bailarina e ombros largos. O comprimento quase não variou do meio da perna durante a silenciosa década de 1950. “O clima de opinião que gera saias longas”, explica O'Neill, “não é socialmente liberal.”

Com a década de 1960, os comprimentos das saias começaram a mudar novamente. Em 20 de janeiro de 1961 a Sr.<sup>a</sup> John F. Kennedy compareceu à posse do marido com uma saia pelo meio do joelho.

Mas o progresso do meio do joelho até à mini não se fez sem esforço. Quando Paris seguiu os figurinistas de Londres e inesperadamente levantou as bainhas bem acima dos joelhos no meio da década de 1960, os compradores reagiram como um turista do fim do século ao encontrar pela primeira vez um vendedor de postais obscenos. Deveriam reproduzir fielmente as modas parisienses—expondo assim a coxa da mulher ao julgamento do mundo—ou recuar, porque, como advertiu um comprador da loja Bergdorf Goodman, “tudo o que fôr mais curto parecerá vulgar”? A mini venceu—e também, por sua vez, a micro. “A mini nada tem a ver com o ar sexy”, diz o historiador social Gilman Ostrander. “Foi a moda ‘menininha’ de Mary Quant—a vestimenta da eterna juventude.”

Hoje as teorias profundas que tentam explicar o aparecimento da linha midi são quase tão numerosas como os julgamentos estéticos sobre o novo comprimento. Eis algumas das menos afrontosas:

- *Declínio do culto da juventude.* É bem possível que esteja desaparecendo a fascinação das pessoas de meia-idade pela juventude que caracterizou a década de 1960. “O vestido curto fazia a mulher mais velha sentir-se mais jovem”, diz Ethel Scull, da sociedade de Nova York. “Ela, porém, não poderia realmente competir numa mini com uma pequena que não só se sentia mais moça como *era* mais moça.

Então surgiu a midi que faz até uma mocinha parecer mais velha e reduz um pouco a vantagem dela.”

- *A situação política.* Alguns usam a midi como símbolo de revolta contra valores radicais e um endosso do conservantismo e do decôro. “Parece que estamos recriando a década de 1950”, diz William O’Neill, “numa reação contra o vale-tudo da década que findou.”

- *Indicador econômico.* É possível que a velha teoria de que os comprimentos das saias sobem e descem com o mercado de ações esteja certa novamente. Tanto os comprimentos como a bolsa deram um mergulho nas décadas de 1930 e 1950, e parece que estão fazendo o mesmo novamente. Gilman Ostrander, historiador social da Universidade de Mísúri, apresenta uma explicação possível: “As pessoas de meia-idade, que gostam de saias compridas, determinam os padrões sociais em épocas de depressão. E as jovens, que gostam de saias curtas, estabelecem os padrões na prosperidade.”

Apesar de toda essa discussão, nem mesmo os mais ultraconservadores acreditam que a midi seja sucesso certo. O que parece certo, no entanto, é que a midi terá um impacto forte durante algum tempo. Já matou a micro e, tenha ou não sucesso por si só, deverá fazer as saias descerem pouco a pouco. Os homens que detestam a midi devem fechar os olhos, respirar fundo e aguardar alguns anos. Consta que o próximo *new look* será a cintura à mostra.